

O método pragmaticista e a pesquisa em Comunicação

The pragmaticist method and research in Communication

Francisco José Paoliello Pimenta

<https://orcid.org/0000-0003-1244-9123>
paoliello@acessa.com

Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP (1993/Fapesp), incluindo pesquisas na New York University (1991/CNPq). Pós-doutorado em Ciências da Comunicação pela Unisinos/RS (2011/Capes). Foi jornalista dos Diários Associados, Revista Manchete, Agência Estado e Jornal da Tarde, e tradutor. É Professor Titular da Faculdade de Comunicação e Permanente do PPGCom UFJF, do qual foi coordenador (2006 a 2010). É Tutor do PET Facom UFJF. Foi Coordenador do GT Epistemologias da Comunicação da Compós (2012-2011) e é Consultor ad hoc de Comitês da CAPES.

<http://lattes.cnpq.br/2368585419362246>

Marina Aparecida Sad Albuquerque de Carvalho

<https://orcid.org/0000-0001-7473-4224>
marina_sad@hotmail.com

Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF (2018), especialista em Jornalismo Multiplataforma (2014) e bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, ambos pela mesma universidade. Atualmente, cursa Doutorado em Comunicação também na UFJF. Pesquisa a dinâmica transmídia no jornalismo a partir do pragmaticismo de Charles S. Peirce. Também possui experiência na área de Comunicação, com ênfase em webjornalismo, jornalismo impresso, assessoria de imprensa, jornalismo religioso.

<http://lattes.cnpq.br/1193063367784743>

1. Introdução

As pesquisas em Comunicação têm em comum com procedimentos desse tipo em outras esferas da ciência a busca de avanços do conhecimento humano, em especial o equacionamento de problemas que as justifiquem em vista dos investimentos necessários. Contudo, nossa área apresenta particularidades que trazem obstáculos já nas primeiras etapas desse processo. A principal delas é a indefinição sobre como situá-la, sendo esse um tema recorrente nas discussões do grupo de trabalho de

Resumo

A Comunicação constitui um campo de estudos que apresenta desafios para o pesquisador, em especial por seu perfil interdisciplinar e pela dificuldade de estabelecer fronteiras com áreas afins. Uma das alternativas para enfrentar esses obstáculos é o método pragmaticista, proposto por Charles Peirce, que se apoia em procedimentos comuns a vários campos da ciência, relacionando três tipos de inferência, abdução, indução e dedução. Caso a hipótese se mostre correta, indicará que o pesquisador tem boas chances de descobrir a lógica subjacente à questão investigada e aplicá-la àquela classe de fenômenos.

Palavras-chave: comunicação, pesquisa, pragmaticismo.

Abstract

Communication is a field of study that presents challenges to the researcher, especially due to its interdisciplinary profile and the difficulty of establishing boundaries with related areas. One of the alternatives to address these obstacles is the pragmaticist method, proposed by Charles Peirce, which relies on procedures common to various fields of science, relating three types of inference, abduction, induction, and deduction. If the hypothesis proves correct, it will indicate that the researcher has a good chance of discovering the logic behind the investigated question and applying it to that class of phenomena.

Keywords: communication, research, pragmaticism.

Epistemologia da Comunicação da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação – Compós desde a sua constituição.

Não é possível descrever, aqui, todo esse debate, que pode ser acompanhado nos anais do GT de Epistemologia, mas é necessário que se leve em conta a indefinição sobre o perfil do campo, na medida em que afeta a importante etapa da delimitação do problema a ser pesquisado. Área estabelecida tardiamente em relação às demais Ciências Sociais, a Comunicação apresenta um claro perfil interdisciplinar e fronteiras mal definidas, em especial com os

âmbitos das Letras, da Sociologia, da Política e das Artes, entre outras. Com isso, o pesquisador já se vê, de saída, frente a dificuldades, uma vez que temas considerados merecedores de investigação compartilham aspectos com esses outros âmbitos, embora ele não os domine.

Além dessas incertezas que atingem o campo, o próprio fenômeno social da comunicação, os processos dos participantes na sociedade, são “tentativos”, segundo Braga. Diz o autor em artigo debatido no GT de Epistemologia da Compós:

Como já expresse na formulação inicial da tese, na Introdução, dois ângulos caracterizam a perspectiva de que a comunicação é tentativa. Pelo primeiro ângulo, os episódios comunicacionais são probabilísticos – significando que alguma coisa pode acontecer. Por este aspecto, então, devemos perceber diferentes graus de probabilidade, desde uma efetiva ocorrência de resultados até uma baixa ou nula probabilidade. O que envolve, é claro, estudar as condições que levam a tal variação. Pelo segundo ângulo, os processos comunicacionais são aproximativos – correspondendo a comportarem maior ou menor precisão (dentro de diferentes critérios, eventualmente internos, de “precisão”). Aprender as condições de ajuste entre os processos concretos de comunicação e a acuidade de sua realização envolve uma discussão do que se possa considerar “sucesso” comunicacional, juntamente com os critérios adotados no processo para julgar seu bom sucedimento (Braga, 2010, p. 6-7).

Outro obstáculo que surge já nessa primeira fase, em especial para pesquisadores com pouca experiência, e não apenas na área da Comunicação, é a falta de repertório. De fato, não há como eleger um problema a ser investigado que tenha a devida relevância sem conhecimento prévio consistente do campo, de suas questões, pesquisas e resultados já divulgados. Isso porque o problema a ser pesquisado surge, exatamente, das lacunas do conhecimento já obtido e relativamente consolidado, na medida em que, mesmo assim, sempre estará sujeito a atualizações e correções. É interessante observar que essa inserção do problema a ser pesquisado no conhecimento já constituído consiste numa primeira argumentação de fundamentação teórica, pois é preciso que o pesquisador justifique por qual motivo essa questão merece ser investigada.

Frente a tais dificuldades, uma saída tem sido a adoção do método pragmaticista, criado pelo lógico Charles S. Peirce, que envolve procedimentos bastante comuns às mais diversas ciências, em decorrência de sua perspectiva realista¹ sobre os processos do conhecimento,

¹ Na visão realista de Peirce, “[...] os processos de obtenção do conhecimento, sob uma concepção comunicacional, seguem uma

e uma compreensão dos processos de trocas, entre eles os comunicacionais, sob a perspectiva da semiótica (Pimenta, 2016, p. 123). Isso se dá pela pressuposição de que o signo é um elemento formador e indispensável para que algo seja comunicado, ou seja, não há comunicação sem signos.

2. Primeira etapa da pesquisa: abdução e justificativa da hipótese

Sob a perspectiva do pragmaticismo, para que o processo de resolução do problema tenha início é imprescindível o lançamento de possíveis hipóteses sobre suas causas, seja no campo da Comunicação ou em qualquer outra área do saber. Esse tipo de raciocínio, intitulado por Peirce de “abdução”, é muito frágil e é assim descrito por ele:

Abdução é o processo de formular uma hipótese explicativa. É a única operação lógica que introduz qualquer ideia nova; pois a Indução nada faz além de determinar um valor, e a Dedução apenas desenvolve as consequências necessárias de uma hipótese pura. A Dedução prova que algo deve ser; a Indução mostra que algo realmente é operativo; a Abdução apenas sugere que algo pode ser. Sua única justificativa é que, a partir de sua sugestão, a Dedução pode traçar uma previsão que pode ser testada pela Indução, e, ainda, se é que vamos, de alguma forma, aprender alguma coisa, ou compreender fenômenos, deve ser por meio da Abdução que isso será obtido. Nenhuma razão pode ser dada, até onde eu possa descartar; e nem é preciso razão, pois ela simplesmente oferece sugestões (Peirce, 1931-58, §5.171-172).

Entretanto, embora incerto, é o único tipo de raciocínio capaz de gerar ideias novas, por meio de articulações derivadas da semelhança da situação-problema e experiências já vividas pelo pesquisador. Para uma melhor compreensão desses procedimentos, utilizaremos, aqui, o exemplo de pesquisa sobre impactos dos processos de comunicação possibilitados pelas redes digitais, que lança a hipótese de que tais processos, quando produzidos de forma multicódigos², estimulam a geração de

lógica que não é apenas humana, e, sim, da natureza, com caráter universal, e, portanto, com caráter de continuidade em relação à nossa cognição” (Pimenta, 2016, p. 124).

² O termo multicódigos refere-se à comunicação que se realiza de forma sinestésica, ou seja, a partir da hibridização dos códigos. Sendo assim, os signos podem representar seus objetos com múltiplos padrões de semelhança, seja de forma tátil, visual, sonora ou verbal, o que pode levar as mentes interpretadoras a terem mais consciência de seus processos e hábitos inferenciais (Pimenta, 2016).

pensamentos em transformação, permitindo maior efetividade comunicacional (Pimenta, 2016, p. 24). Essa associação de ideias, fruto de investigação de pós-doutorado na Unisinos, decorre desse raciocínio abduutivo. Diz Peirce:

A sugestão abduativa advém-nos como num flash. É um ato de insight, embora um insight extremamente falível. É verdade que os diferentes elementos da hipótese já estavam em nossas mentes anteriormente; mas é a ideia de reunir aquilo que nunca antes tínhamos pensado em associar que lampeja a nova sugestão diante de nossa contemplação (Peirce, 1931-58, §5.181).

As etapas seguintes da pesquisa, da Dedução e da Indução, têm menos força criativa do que a Abdução e predominam nas etapas de criar as condições e efetuar os testes que avaliarão o grau de confirmação das hipóteses frente à dinâmica dos fatos. Já o raciocínio abduutivo evolui por meio da formação de diagramas e experimentações mentais que desenvolvem a ideia inicial e selecionam seus aspectos mais plausíveis. Tais procedimentos são, aliás, bastante comuns em nosso cotidiano e não ocorrem apenas nessas operações mais complexas visando à ampliação do conhecimento científico.

As associações por similaridade que caracterizam a Abdução também operam na Indução e na Dedução, em vista da concepção triádica do fenômeno, porém a hipótese decorre, essencialmente, do *flash* abduutivo. Novas previsões podem surgir no decorrer do processo da descoberta, as quais, assim como a inicial, devem passar pelo mesmo desenvolvimento de dedução de variáveis, teste empírico e conclusão, criando uma espécie de feixe inferencial rumo a uma descoberta mais complexa. Diz Peirce:

Assim, Maxwell, percebendo que a velocidade da luz tinha o mesmo valor de uma determinada constante fundamental relacionada à eletricidade, foi levado à hipótese de que a luz era uma oscilação eletromagnética. Isso explicava a rotação magnética do plano de polarização e previa as ondas hertzianas. Não apenas isso, mas também levou à previsão da pressão mecânica da luz, que não havia sido contemplada a princípio (Peirce, 1931-58, §2.118).

No projeto de pesquisa, a definição de hipóteses e sub-hipóteses amplia os diálogos, acrescentando à justificativa do problema as razões pelas quais se acredita que essas soluções sejam plausíveis para sua resolução. Não são, contudo, as mesmas fundamentações, embora próximas. O problema se justifica no contexto prático ou teórico da questão obscura a ser esclarecida, e as hipóteses

na esfera de outras soluções já testadas que se assemelham àquelas que estão sendo propostas.

Um dos principais comentadores da obra de Peirce, Floyd Merrell, faz essa interessante consideração sobre a origem das inferências abdutivas:

O ponto importante é que o processo começa com uma imagem: não com ideias ou pensamentos, nem conceitos ou significados, nem muita verbalização, mas uma imagem meramente humilde, nem mais nem menos. A imagem vem “como um flash” (CP: 5.181). Está lá, e, ou satisfaz as expectativas, ou surge como uma surpresa, e se for uma surpresa, então uma possível razão para a surpresa aparece como outra imagem. Esta imagem pode ser virtualmente qualquer acontecimento da vida cotidiana (Merrell, 2001, p. 23).

Em nosso exemplo, a relevância de se estudar os impactos dos processos de comunicação possibilitados pelas redes digitais é bastante clara para que nos detenhamos em justificá-la. Já a hipótese de que produções multicódigos estimulem a geração de pensamentos em transformação, permitindo maior efetividade comunicacional, não é tão óbvia assim. Sua justificativa completa pode ser encontrada na apresentação dos resultados da pesquisa realizada por Pimenta (2016, p. 51), bastando, aqui, revelar que a base encontra-se no âmbito dos estudos semióticos derivados das teorias de Peirce, segundo os quais a ampliação dos meios de expressão signíca possibilita uma representação mais rica de seus objetos e, portanto, processos interpretativos mais eficientes. Conforme defendemos acima, tal hipótese exige do pesquisador conhecimento dos campos que ela articula, ou seja, comunicação digital e semiótica.

3. Segunda etapa: a dedução de variáveis para o teste empírico

De acordo com o pragmaticismo, a partir desse diagrama mental que constitui a hipótese, é necessário deduzir algumas de suas possíveis consequências práticas imagináveis para que seja possível experimentá-la no âmbito do empírico. Ideias gerais, abstratas, transformam-se, então, em variáveis testáveis empiricamente, na prática, por meio de novo trabalho mental sobre o ícone complexo ou diagrama de relações já obtido. O objetivo final é de que a hipótese revele algum padrão de efeitos gerados pelo objeto, chegando a previsões sobre a classe à qual ele pertence. Diz Peirce:

A Retrodução (Abdução) não nos fornece nenhuma segurança. A hipótese precisa ser testada. Esse teste, para ser

logicamente válido, deve começar honestamente, não como a Retrodução começa, com o escrutínio do fenômeno, mas com o exame da hipótese e uma reunião de todos os tipos de consequências experimentais condicionais que se seguiriam se fosse verdade. Esse constitui o Segundo Estágio da Pesquisa. Por sua forma característica de raciocinar, nossa língua o tem contemplado adequadamente, por dois séculos, com o nome de Dedução (Peirce, 1931-58, §6.470).

Ao se utilizar o rigor lógico do raciocínio dedutivo, obtém-se a garantia de que o pensamento imaterial da hipótese e as variáveis existenciais a serem testadas compartilhem um mesmo universo de fenômenos e, portanto, apresentem consequências práticas similares. É importante, contudo, que essas previsões de efeitos sejam, de fato, apenas respostas possíveis para um problema ainda obscuro para o pesquisador, e não algo já confirmado por experiências prévias, o que tornaria o teste empírico irrelevante.

Por estarem ligadas pela lógica dedutiva, caso as consequências práticas se mostrem verdadeiras no teste empírico, as hipóteses abstratas que as geraram também o serão. É interessante notar que inferências dedutivas associando o raciocínio hipotético e seu teste na realidade não constituem privilégio de cientistas, e sim padrão já consagrado nas mais diversas culturas e em outras espécies animais para a obtenção de bons resultados, mesmo que a consciência de se estar seguindo esses procedimentos seja precária ou até mesmo nula. Segundo Peirce, o processo ocorre da seguinte forma:

Formamos em nossa imaginação algum tipo de representação diagramática, isto é, icônica, dos fatos, tão estruturada quanto possível. Esse diagrama, que foi construído para representar intuitivamente ou semi-intuitivamente as mesmas relações que estão expressas abstratamente nas premissas, é, então, observado, e uma hipótese sugere a si mesma que há certa relação entre algumas de suas partes – ou talvez essa hipótese já esteja sugerida. Para testar isso, vários experimentos são realizados sobre o diagrama, que é modificado de várias formas. É um procedimento extremamente similar à indução, da qual, entretanto, difere bastante na medida em que não lida com um processo da experiência, e sim se certo estado de coisas pode ou não ser imaginado. Portanto, na medida em que é característica da hipótese que somente um tipo muito limitado de condições afeta o resultado, a experimentação necessária pode ser completada muito rapidamente, e se vê que a conclusão é compelida a ser verdadeira pelas condições de construção do diagrama. Esse raciocínio é chamado diagramático ou esquemático (Peirce, 1931-58, §2.778).

Tais procedimentos são a base do método pragmaticista defendido por Peirce, que durante muitos anos buscou sintetizá-los numa máxima aplicável aos complexos processos sógnicos das cognições lógicas, até chegar à formulação de 1907, talvez a mais bem elaborada: “Considere quais os efeitos que, concebivelmente, poderiam ter as consequências práticas, que, você concebe, o objeto de sua concepção tem; então, o hábito mental geral que consiste na produção destes efeitos é o significado total de seu conceito” (Peirce, 1907, MS 318, *in* Neshier, 1983, p. 240).

Na prática, nem todos os processos comunicacionais envolvem conceitos tão gerais e lógicos. Contudo, o procedimento a ser seguido é o mesmo, ou seja, é preciso deduzir possíveis consequências práticas da hipótese, imaginando que esteja correta, para que seja testada empiricamente. Nessa fase, não há a introdução de nenhuma ideia nova, apenas a transição da abstração da hipótese para a existencialidade das variáveis, com a devida conexão entre as esferas do teórico e do prático. Rodrigues descreve assim a relação entre os três tipos de inferência:

A diferença básica que ele estabeleceu em 1868 entre os três tipos de raciocínio é que a dedução é uma inferência demonstrativa que não aumenta nosso conhecimento dos fatos, pois passa de uma regra geral, como premissa, para afirmar uma conclusão resultante do desdobramento analítico das relações afirmadas na premissa; indução e hipóteses, diferentemente, são ilações ampliativas, diferentes uma da outra, que aumentam nosso conhecimento: a indução é uma generalização, procede da verificação de uma experiência particular para inferir uma regra explicativa geral para tal experiência; a hipótese, por sua vez, assume uma regra geral desde o início, e a partir dela procura estabelecer relações entre fatos particulares da experiência aparentemente desconexos se vistos de outra forma (Rodrigues, 2011, p. 130).

No exemplo que estamos apresentando, ao se imaginar que processos multicódigos estimulem a geração de pensamentos em transformação, permitindo maior efetividade comunicacional, as seguintes consequências possíveis foram pensadas, com base nas tríades de Peirce (Pimenta, 2016, p. 61):

- a) sensações de permanente compartilhamento comunicacional possível;
- b) adoção de atitudes voltadas para processos comunicacionais de caráter coletivo, globalizado e instantâneo; e
- c) consciência das atuais mudanças nos processos cognitivos como meio de se obter maior eficiência comunicacional.

Portanto, nessa etapa, surgem novos diálogos teóricos para a definição das variáveis, à escolha do pesquisador, fortalecendo a fundamentação teórica do projeto.

4. Terceira etapa: o teste indutivo e a busca do princípio-guia

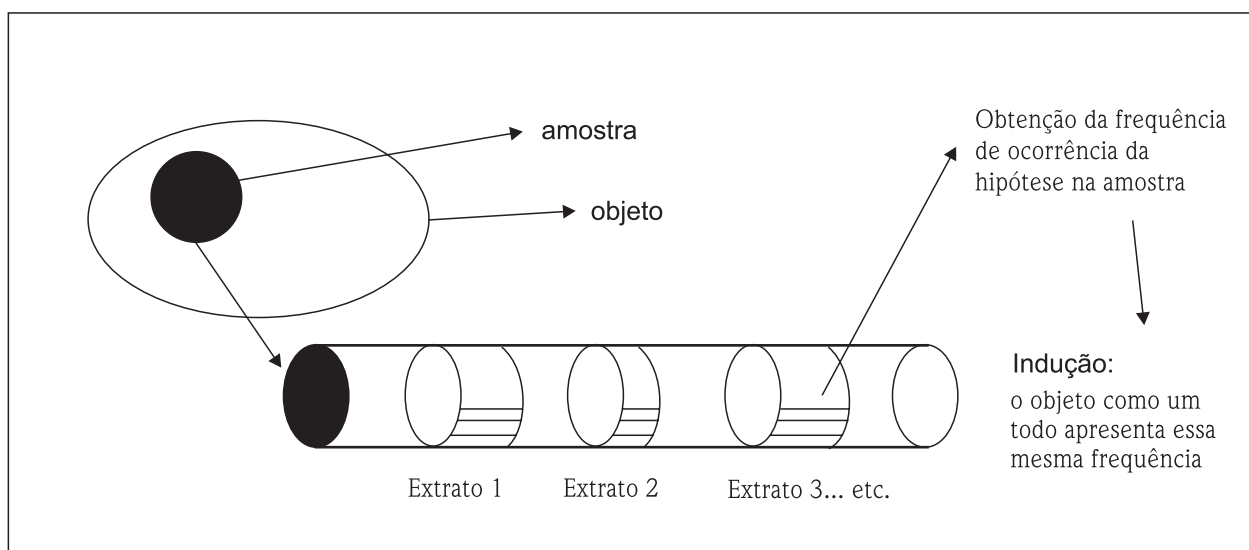
O próximo passo da investigação é a submissão das hipóteses e suas possíveis consequências práticas ao teste de uma realidade existencial externa à mente do pesquisador, sendo possível até mesmo que tal realidade as contradiga, dada a persistência que a caracteriza. Embora a abdução seja um raciocínio de alta relevância para a pesquisa, por conter a possível resposta para a questão colocada, e a dedução realize a conexão lógica entre ela e o teste indutivo, é somente no confronto da hipótese com a realidade fora do controle do pesquisador que ela se legitima, por meio da verificação. Nas palavras de Peirce:

A Abdução fornece todas as nossas ideias sobre as coisas reais, além daquelas dadas na percepção, mas é mera

conjectura, sem força probatória. A Dedução é certa, mas refere-se apenas a objetos ideais. A Indução dá-nos a única aproximação para a certeza sobre o real que podemos ter. Em 40 anos de estudo diligente sobre os argumentos, nunca encontrei um que não consistisse desses elementos. Os sucessos da ciência moderna devem nos convencer de que a Indução é o único imperador capaz da busca da verdade. Assim, o pragmatismo é simplesmente a doutrina de que o método indutivo é o único essencial para a verificação do significado intelectual de qualquer símbolo (Peirce, 1931-58, §8.209).

A descoberta de regularidades com a maior generalidade possível, isto é, que sejam aplicáveis ao maior número possível de casos, é o objetivo dessa verificação sobre o grau de concordância entre as consequências experimentais previstas e a amostra. De acordo com o método pragmaticista, o propósito da indução (Fig. 1) é o verdadeiro teste da possível resposta ao problema na experiência prática e não meras explicações, ou, o que seria pior, a busca de características que se adéquem a ela, no afã de confirmá-la.

Figura 1 – Diagrama sobre indução, amostra e objeto da pesquisa



Fonte: Pimenta, 2016, p. 71.

Somente se a verificação apontar a ocorrência dos possíveis efeitos deduzidos da hipótese no teste empírico será possível, então, inferir que outros membros de sua classe terão as mesmas propriedades da amostra, que, necessariamente, deve ser definida ao acaso. Desta forma, os possíveis efeitos não terão sido previamente testados, e cada investigação será realizada de forma independente, de modo que a contínua acumulação de evidências atinja grau suficiente para a correção dos erros, conforme descreve Peirce:

A Abdução inicia-se dos fatos sem ter, a princípio, qualquer teoria particular em vista, embora seja motivada pelo sentimento de que uma teoria é necessária para explicar os fatos surpreendentes. A Indução inicia-se por uma hipótese que parece se autorrecomendar sem ter, a princípio, quaisquer fatos particulares em vista, embora se sinta a necessidade de fatos para fundamentar a teoria. A Abdução busca uma teoria, a Indução busca fatos. Na Abdução, a consideração dos fatos sugere a hipótese. Na Indução, o estudo da hipótese sugere os experimen-

tos que trazem à luz os próprios fatos para os quais a hipótese apontou (Peirce, 1931-58, §7.218).

No exemplo que estamos utilizando, da pesquisa sobre a possível formação de pensamentos em transformação, gerando maior efetividade comunicacional em função dos processos multicódigos, as três consequências práticas imaginadas foram verificadas por meio de diversos testes empíricos envolvendo ativistas, *gamers* e teóricos da comunicação, que apresentaram graus variados de confirmação, em geral validando-as (Pimenta, 2016, p. 81-117). Naturalmente, como ocorre em toda pesquisa qualitativa, é muito importante, contudo, que novas investigações sejam realizadas com a hipótese, com amostras e procedimentos diferentes, para que se permita uma contínua aproximação à realidade daquele objeto.

A indução tem três procedimentos, a partir dos quais é possível realizar a experimentação. Uma aproximação do tipo crua, ou experimentações consideradas graduais, a qualitativa e a quantitativa. Pode-se fazer também alguma composição entre elas. A mais comum é a crua, que simplesmente prevê que o futuro será como o passado. Muito úteis em nossas atividades cotidianas, com todo o passado de ocorrências a seu favor, as inferências cruas, entretanto, são extremamente frágeis, especialmente em contextos novos, pois uma só ocorrência negativa a deslegitima, além da falha ser imprevisível. Comportamentos repetitivos das espécies animais se baseiam nesse tipo de indução e, portanto, raramente conduzem a descobertas.

O segundo tipo é gradual, portanto, nunca resulta de uma única ocorrência, e pode ser quantitativa ou qualitativa, sendo essa última a base mais utilizada para as experimentações no campo da Comunicação. Seja qual for o caso, não se deve perder de vista o objetivo da indução de comparar efeitos previstos com características das amostras, e as novas escolhas que se oferecem ao pesquisador nessa fase, em termos de métodos e técnicas, constituem novo reforço da fundamentação teórica da investigação.

A inferência quantitativa verifica a frequência de determinado efeito previsto numa quantidade razoável de casos, com base em medidas, estatísticas ou contagens. É das mais confiáveis quando aplicada a uma hipótese, porém pode ser inadequada para investigar fenômenos pouco quantificáveis, frequentes no campo da Comunicação. Raramente utilizada em nossa área, tem grandes vantagens quando aplicável, mas exige que cada um dos elementos tenha o mesmo peso na pesquisa, para que se

permita estender a expressão numérica de determinada característica para uma classe inteira.

Já a qualitativa é a inferência indutiva mais utilizada no campo da Comunicação e avalia o peso relativo de evidências relacionadas às qualidades do objeto investigado. Também chamada de indução por cumprimento de previsões, não é tão segura, pois se baseia num fluxo da experiência cujos valores de evidência são estimados de acordo com nossa percepção. Além disso, como utiliza previsões que não são referidas a unidades, não se pode dizer que as amostras sejam aleatórias. Para compensar essas fragilidades, depende de repetições dos experimentos pelo método autocorretivo e da estrita aleatoriedade na seleção das amostras, de forma a apresentar resultados verdadeiros. Sobre essa aleatoriedade, comenta Peirce:

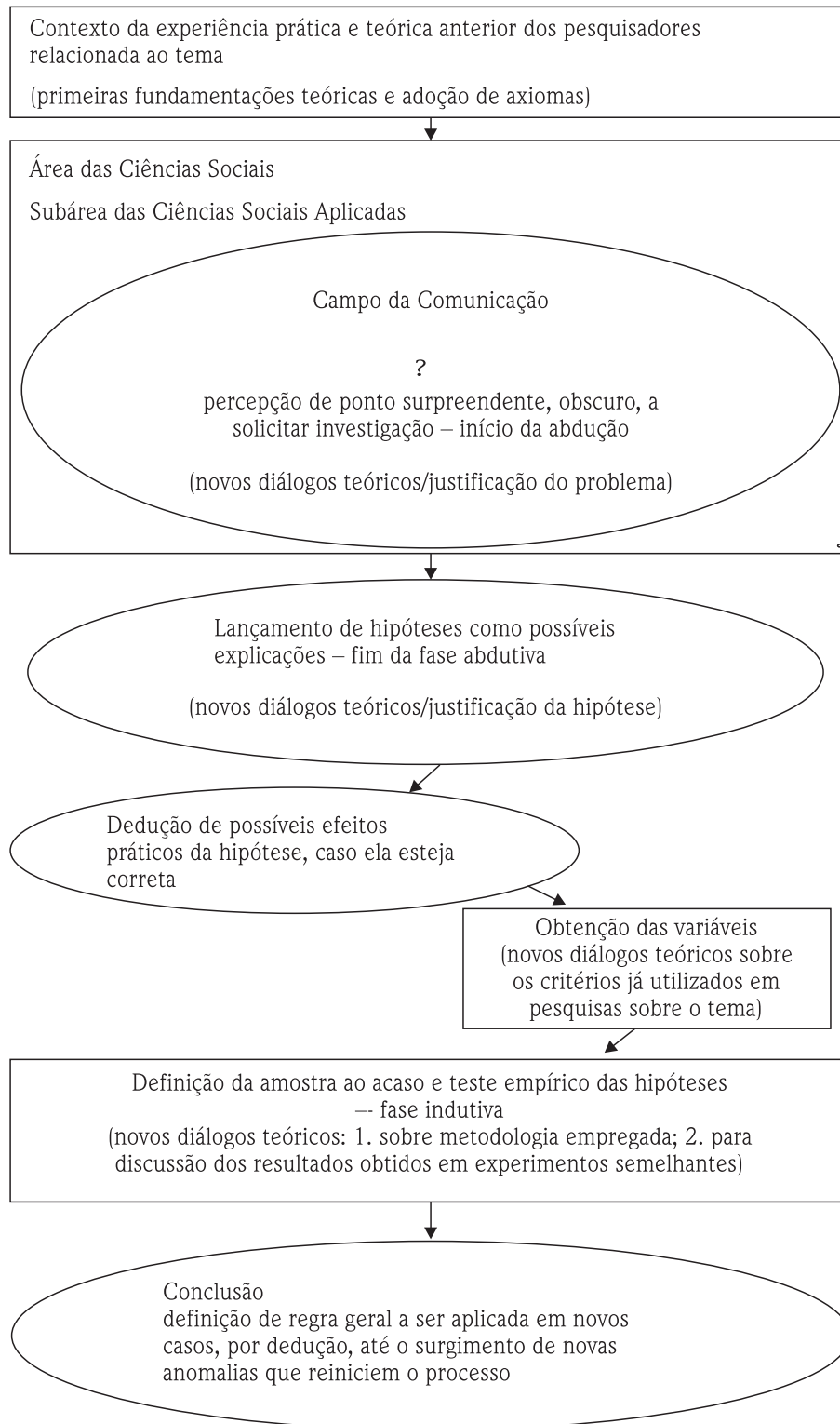
Por exemplo, não devemos tomar uma amostra de homens eminentes, e, estudando-a, descobrir que tem certas características, e, daí, concluir que todos os homens eminentes devem ter essas características. Devemos, primeiro, decidir qual característica nos propomos a examinar na amostra, e somente depois dessa decisão examinar a amostra. A razão é que qualquer amostra será peculiar e diferente da média do conjunto pesquisado em inúmeros aspectos. Ao mesmo tempo, ela será aproximadamente como a média do conjunto inteiro na grande maioria dos aspectos (Peirce, 1931-58, §1.95).

Segundo o pragmaticismo, quatro tipos de uniformidades fortalecem o resultado obtido pela indução:

- a) semelhança de características entre membros de uma classe;
- b) uma característica estar presente em todo o grupo;
- c) um mesmo conjunto de características estar presente nos objetos; e
- d) o objeto apresentar um conjunto inteiro de características quando tem alguma delas.

Após esses procedimentos, o julgamento dos resultados realiza a passagem que caracteriza o processo indutivo, do caso singular testado para o quadro geral relativo àquele objeto, com a possível descoberta da lei, ou princípio-guia, que governa a frequência aplicável àquela classe de fenômenos. A conclusão obtida nunca é absolutamente certa por causa das fragilidades inerentes a qualquer amostra e às inferências adotadas (Fig. 2).

Figura 2 – Etapas do processo de descoberta



Fonte: Pimenta, 2016, p. 78.

Em nosso exemplo, as inferências indutivas indicaram uma boa chance de processos multicódigos, de fato, conduzirem a uma maior efetividade comunicacional. Ativistas, *gamers* e teóricos da comunicação apresentaram, em geral, a sensação de permanente compartilhamento comunicacional nas mediações sígnicas multicódigos em rede digital, ratificando o primeiro efeito previsto. Já a sub-hipótese relativa a atitudes voltadas para processos comunicacionais de caráter coletivo, globalizado e instantâneo se confirmou mais com usuários de *games* e das redes sociais.

No caso do terceiro efeito previsto, de ampliação da consciência das atuais mudanças nos processos cognitivos como meio de se obter maior eficiência comunicacional, foi verificado um movimento inicial nesse sentido nas amostras de *ciberativistas*, e algo menos flagrante entre usuários das redes sociais e adeptos dos jogos eletrônicos, possivelmente devido à ausência da mesma motivação de busca de transformações políticas. Entre os teóricos pesquisados, foi constatada uma alta incidência de mentes conscientes do atual contexto de mudanças, inclusive cognitivas, além da compreensão de que elas podem conduzir a uma maior eficiência comunicacional (Pimenta, 2016, p. 113-117).

Como em todo experimento, em especial com as pesquisas qualitativas, as conclusões do teste indutivo se fortalecem com a repetição dos experimentos, naquilo que Peirce denominou o “longo caminho” da investigação. Santaella considera esse um dos pontos mais importantes do pensamento de Peirce sobre a indução, ao afirmar:

É remarcável o lugar ocupado pela indução na obra de Peirce, especialmente como um tipo de inferência e um dos estágios do método científico. Sem uma compreensão clara dos ajustamentos gradativos por que passou esse conceito na evolução do seu pensamento, muito particularmente a noção de “longo caminho” (long run) da investigação que nele está implicada, torna-se praticamente impossível entender o pragmatismo (Santaella, 2004, p. 128).

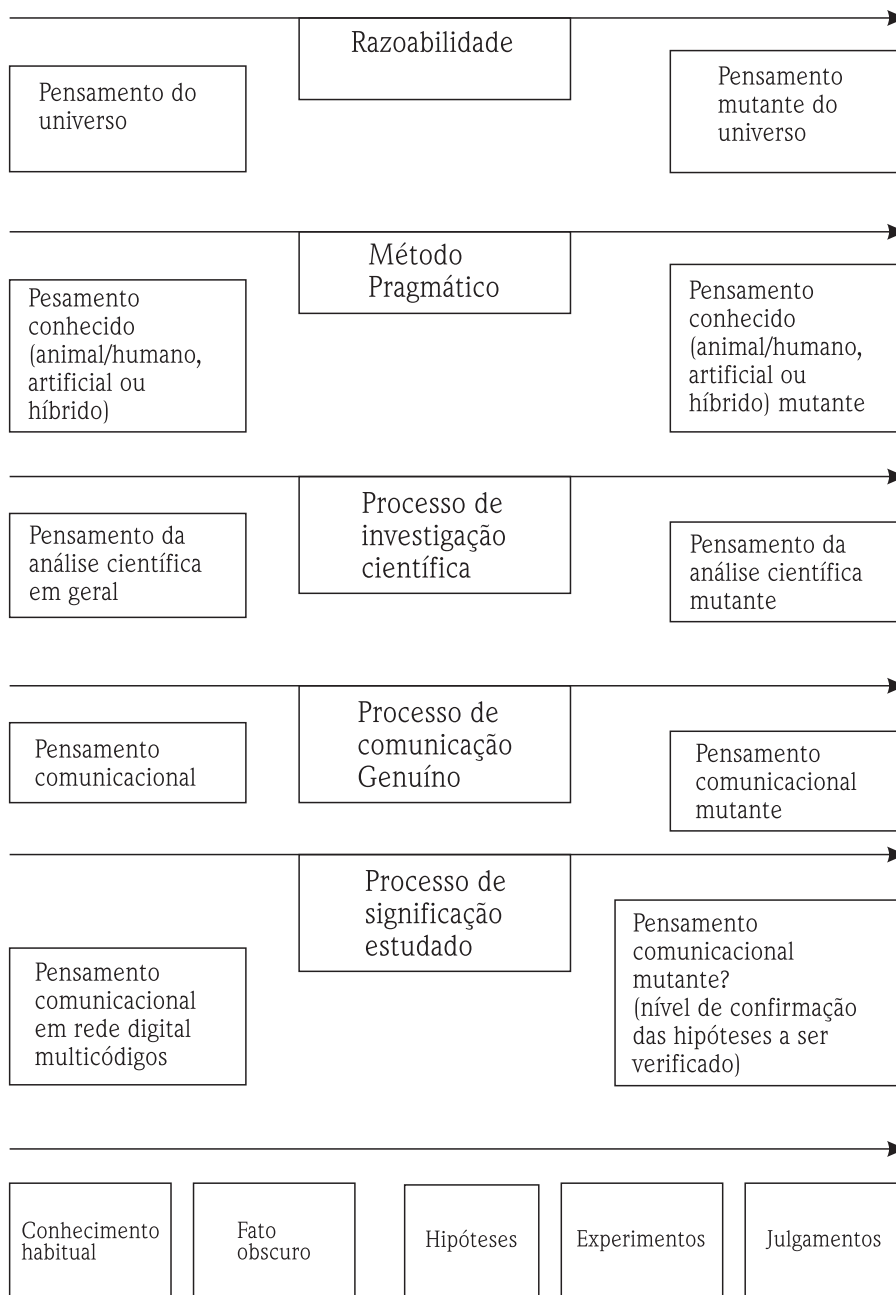
5. A conclusão como significado e hábito mental geral, coletivo e mutante

Uma hipótese que venha a ser confirmada no teste empírico indica que o pesquisador tem boas chances de estar no caminho certo para a descoberta da regularidade que constitui a lógica subjacente à questão investigada, possível de ser aplicada àquela classe de fenômenos. Em outras palavras, está perto de equacionar o problema. Nas Ciências Exatas, muitas vezes a conclusão é, de fato, uma equação que determina como aquele fenômeno se comporta, porém há outras formas de resolver o impasse. Seja qual for o caso, está em jogo a descoberta do princípio-guia que, na esfera comunicacional, possibilita tanto a produção de processos mais eficazes quanto a tarefa de explicá-los melhor.

De acordo com o pragmaticismo, a compreensão lógica obtida na pesquisa significa a apreensão, em algum grau, das transformações dinâmicas daquele objeto, por meio da análise de seus efeitos emocionais, práticos e cognitivos sobre seus intérpretes. Confirmar a hipótese é constatar que ela é um substituto, um signo adequado da situação-problema, e revela algo de seus padrões lógicos ou regularidades. Quando o processo sob investigação é da esfera dos pensamentos, o significado total do objeto concebido se revela como um hábito mental geral que consiste na produção daqueles efeitos.

A relevância dessa descoberta decorre do fato de que quem se comunica, comunica melhor se conhece seus próprios hábitos mentais e os articula à lógica geral daquele processo de comunicação. No contínuo desenvolvimento desses procedimentos de compreensão lógica que constituem a ciência, segundo Peirce, há uma progressiva aproximação das regularidades que operam na natureza, concebidas como uma espécie de pensamento, ou razoabilidade, pelo fato de constituir a razão mais complexa que poderíamos conceber (Fig. 3). No caso dos processos de excelência comunicacional, o pensamento tem como lógica subjacente um hábito autoconsciente, coletivo e mutante, que consiste numa forma de nos aproximarmos dessa razoabilidade dinâmica da natureza.

Figura 3 - Escalas dos processos de obtenção do conhecimento



Fonte: Pimenta, 2016, p. 126.

Ao levarmos em conta o exemplo de pesquisa que estamos apresentando, seria possível admitir que fenômenos dessa natureza ocorreriam no âmbito da Comunicação relacionado às produções multicódigos, existindo, ainda, a probabilidade desse contexto de transformações trazer impactos positivos no sentido de ser possível uma melhor definição epistemológica do próprio campo. O fato do efeito de ocorrência de sensações de permanente compartilhamento comunicacional ter sido observado nos três grupos estudados pode indicar ser este um fenômeno em formação, tendo em vista que se refere à primeira

hipótese, ou seja, à esfera mais qualitativa, segundo o pragmatismo, âmbito gerador de mudanças.

Como o método prescreve que, em vista da inevitável fragilidade dos testes indutivos, todos os resultados devem ser aprimorados por meio de procedimentos adicionais, incluindo o lançamento de novas hipóteses sobre a dinâmica dos objetos investigados, seria preciso recolher a contribuição de outros pesquisadores de forma a aproximar os experimentos da lei geral ou, no caso de pensamentos, de princípios-guia que normatizam aquela classe de fenômenos. Tais aportes podem conduzir à

confirmação dessa hipótese de forma mais precisa num futuro próximo, indicando que tal processo de compreensão das operações multicódigos se encontra, de fato, no início de sua generalização.

Uma das principais referências no estudo dos trabalhos de Peirce, Joseph Ransdell, enfatiza essa ética colaborativa para o avanço científico, ao afirmar:

Mas a pesquisa científica objetiva desenvolver uma compreensão cooperativa do objeto por parte de tantos interessados quantos existirem em participar do esforço, porque, com cada membro adicional da comunidade, qualquer outro membro é potencialmente fortalecido ainda mais pela possibilidade de que essa pessoa proporcione ao resto ainda outra compreensão dele, complementar, e, ainda, de uma outra perspectiva. Isso somente é possível, contudo, na medida em que há acesso irrestrito ao tema E (sic) a outros que pesquisam o mesmo tema, e esse acesso é utilizado de forma hábil e apropriada. Onde quer que haja uma prática comunicacional ou atitude profissional que desencoraje isso, ou haja falta da prática necessária para esse propósito, há razão para se pensar que a compreensão geral do tema é afetada adversamente por isso, mesmo que alguém possa ser incapaz de entender precisamente que diferença faz (Ransdell, 2000, p. 351-352).

É possível concluir, também, que, caso essa relação entre processos multicódigos e efetividade comunicacional se verifique de fato, uma de suas consequências poderá ser um desenvolvimento da atual compreensão sobre o próprio campo da Comunicação, hoje em acelerada transformação. Conforme descrevemos no início desse texto, são grandes as dificuldades que nossa área apresenta aos pesquisadores, por sua identidade ainda mal definida e suas fronteiras obscuras com outras esferas do saber, em especial aquelas no âmbito das Ciências Sociais e Humanas.

Referências

- BRAGA, José L. 2010. Nem rara, nem ausente – tentativa. In: XIX ENCONTRO Anual da Compós. 2010, Rio de Janeiro, *Anais do XIX Encontro Anual da Compós*, Rio de Janeiro, Editora da Compós, p. 6-7.
- MERRELL, Floyd. 2001. Abducting Abduction: déjà vu one more Time? In: Digital Encyclopedia of Charles S. Peirce. Disponível em: www.digitalpeirce.fee.unicamp.br/home.htm. Acesso em: 20/07/2018.
- NESHER, Dan. 1983. A Pragmatic Theory of Meaning. *Semiotica*, Amsterdam, **44**(3/4):203-257.
- PEIRCE, Charles. 1931-35 e 1958. *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 8 vols. (para as referências a essa obra, utilizamos o sistema internacional de indicação do número do livro e do parágrafo, em lugar do número da página).
- PIMENTA, Francisco. 2016. *Ambientes multicódigos, efetividade comunicacional e pensamento mutante*. São Leopoldo, Unisinos.
- RANSELL, Joseph. 2000. Peirce and the Socratic Tradition. *Transactions of the Charles Sanders Peirce Society*, Bloomington, **36**(3):341-356.
- RODRIGUES, Cassiano. 2011. The Method of Scientific Discovery in Peirce's Philosophy: Deduction, Induction, and Abduction. *Logica Universalis*, Basel, **5**(1):127-164.
- SANTAELLA, Lucia. 2004. *O método anticartesiano de C. S. Peirce*. São Paulo, Unesp.

Os dois autores são igualmente responsáveis por todas as partes do artigo, todo o processo foi compartilhado por ambos.

Artigo submetido em 29-07-2019

Aceito em 22-10-2019